



Universidade Federal do Rio Grande - FURG

Revista Eletrônica do Mestrado em Educação Ambiental

Revista do PPGA/FURG-RS

ISSN 1517-1256

Programa de Pós-Graduação em Educação Ambiental

TRAJETÓRIAS DE EDUCADORES AMBIENTAIS¹

Luciana Falcon Cassini²

Marília Freitas de Campos Tozoni-Reis³

RESUMO

A Educação Ambiental é um campo teórico ainda em construção, cabendo ao sujeito Educador Ambiental pensá-la e fazê-la. Apresentar e discutir um pouco de como pensam e fazem, e por que fazem, ou seja, “revelar” o universo daqueles que trabalham com Educação Ambiental é o objetivo deste artigo. Para tal, empreendemos esforços em “descobrir” a trajetória de educadores ambientais através de suas histórias e da (re)construção dos caminhos por eles percorridos, para assim revelar os condicionantes de suas escolhas, identificar suas atividades em Educação Ambiental e compartilhar suas realizações, dificuldades e expectativas. Foram quatorze entrevistas com educadores ambientais que atuam na cidade de Botucatu-SP, Brasil analisadas sob a perspectiva da Educação Ambiental Crítica. Os resultados demonstram que o Educador Ambiental é, de certa forma, indefinível, a não ser em caráter provisório; possui concepções construídas em sua trajetória de vida, desde a infância, onde faz a primeira leitura do mundo, até o trabalho propriamente dito com educação ambiental; age, em alguns momentos, norteado por princípios teórico-metodológicos, em outros de acordo com suas vontades e convicções, em outros, cerceado enquanto ser crítico,

¹ Resultado de estudo monográfico apresentado como requisito para obtenção do título de Licenciada em Ciências Biológicas.

² Bióloga, Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Ensino de Ciências da Universidade Estadual Paulista, campus Bauru (UNESP – CEP: 17.033-360 – Bauru – São Paulo – Brasil) lufcassini@fc.unesp.br

³ Pedagoga, mestre e doutora em Educação pela Universidade de Campinas, Docente do Departamento de Educação do Instituto de Biociências da UNESP (campus Botucatu) e do Programa de Pós-Graduação em Ensino de Ciências da UNESP (campus Bauru) (UNESP – CEP: 18600-000 – Botucatu – São Paulo - Brasil) mariliaed@ibb.unesp.br

não consegue agir conforme sua concepção; são múltiplos os caminhos de entrada para a Educação Ambiental, assim como o seu que-fazer; as concepções de educação ambiental também são múltiplas e em algum momento de suas trajetórias, esses educadores escolhem um lugar na educação ambiental para “habitar”, ou ainda, para arriscarem, tolhidos pelos paradigmas da sociedade moderna.

Palavras-chave: Educação Ambiental, Educador Ambiental, Trajetórias.

ABSTRACT

Environmental Education is a theoretical field under construction, being environmental educator ones that must to think and to do it. This article's objective is to expose and to debate a bit of how they think, do and why they do, or rather, to know the environmental educators' universe. For that, effort was attempted to “figure out” the environmental educators' path throughout their histories and their (re)constructions of their own backgrounds, to come out with the reasons of their choices, to identify their educational environmental activities and to share their accomplishments, troubles and expectancy. Fourteen interviews with environmental educators who act in Botucatu-SP, Brazil were analyzed, under Critical Environmental Education. Those analyses reveal that environmental educator is a nondescript person-kind, who can to be it only by provisory way; has constructed conceptions during his/her life path, since childhood – when the first world reading was done – till the proper environmental education work; is someone who acts sometimes guided by theoretical and methodological principles, sometimes according to his/her wishes and beliefs, and sometimes restrict to a person with a critical sense, not acting in agreement with his/her own conceptions because of the objective conditions required by his/her work; there multiple ways to enter in Environmental Education, like the ways to act; the Environmental Education conceptions are multiple too, and along the paths of such educators choose a place to occupy in this field, or even to dare something, hindered by the modern society's paradigms.

Keywords: Environmental Education, Environmental Educators, Paths.

“Ser educador ambiental é algo definido sempre provisoriamente” (CARVALHO, 2002, p 135), pois depende de parâmetros que variam de acordo com: quem é o informante; quais suas filiações e percepção; e a história de cada sujeito ou grupo envolvido na ação educativa. É concordando com esta idéia que escrevemos este artigo. Ele busca apresentar um pouco das histórias de sujeitos que trabalham com educação ambiental na cidade de Botucatu, interior paulista, revelando os caminhos que percorreram para tornarem-se educadores ambientais, as atividades de educação ambiental que desenvolvem, relacionando-as com a trajetória percorrida, as dificuldades que enfrentaram, as concepções de educação ambiental que abraçaram e as expectativas que possuem para continuar construindo seus caminhos.

Reigota (2003) nos diz que:

Não podemos quantificar os significados do que é vivido por cada pessoa; no entanto, conhecê-lo torna-se fundamental na perspectiva da descoberta de uma história construída/vivida cotidianamente pelos sujeitos anônimos (p. 9).

A história da sociedade é escrita pela condição humana em tudo que ela tem de bom e de mau, e, esses “opostos” interagem e explicitam-se em todas as histórias vividas e contadas por seres humanos. Todos temos sonhos, desejos, expectativas, frustrações, dúvidas, angústias, aflições. Viver, nos impõe escolher entre caminhos e arcar com seus resultados. Às vezes superamos nossos limites, às vezes aceitamos que fizemos o que podíamos. Cada um age de um jeito em resposta aos desafios que a vida, o existir, nos trás, *cada um é cada um*⁴ e “somos todos matéria-prima das páginas do mundo” (REIGOTA, 2003).

Matéria-prima das páginas do mundo e da Educação Ambiental

tida como atividade intencional da prática social, que imprime ao desenvolvimento individual um caráter social em sua relação com a natureza e com os outros seres humanos, com o objetivo de potencializar essa atividade humana, tornando-a mais plena de prática social e de ética ambiental” (TOZONI-REIS, 2004).

Temos alguns autores, a exemplo de Sauv  (2005), que problematizaram diferentes referenciais teóricos e metodológicos para a Educação Ambiental, mas poucos (em relação aos anteriores) se debruçaram sobre o sujeito Educador Ambiental, principal responsável por sua concretização e difusão. Dois autores o fizeram com bastante dedicação, Carvalho e Guimarães, e são aqui usados como principais referências teóricas.

Guimarães (2004) nos traz características pretendidas em um educador ambiental. De acordo com o autor, levando em consideração a concepção da teoria crítica, o educador ambiental deve ter a capacidade de ler a complexidade do mundo, ter abertura para o novo, para transformar o presente, não reproduzindo o passado, deve participar da organização e da pressão para que o novo surja e deve ter uma formação político-filosófica, além de técnico-metodológica. O papel do educador ambiental crítico é de liderança na dinamização de um movimento coletivo sendo “capaz de criar resistência, potencializar brechas e construir, na regeneração, a utopia como o inédito viável da sustentabilidade” (p. 141).

Carvalho (2002) nos fala do educador ambiental trazendo a idéia do Sujeito Ecológico assim definido pela autora:

O sujeito ecológico é um sujeito que pode ser visto, em sua versão grandiosa, como um sujeito heróico, vanguarda de um movimento histórico, herdeiro de tradições políticas de esquerda, mas protagonista de um novo paradigma político-existencial; em sua versão new age é visto como, alternativo, integral, equilibrado, harmônico, planetário, holista; e também em sua versão ortodoxa, na qual é suposto aderir a um conjunto de crenças

⁴ Fala de uma das educadoras ambientais entrevistadas no estudo.

básicas, uma espécie de cartilha epistemológica e política da crise ambiental e dos caminhos para enfrentá-la (p. 74).

é aquele tipo ideal, capaz de encarnar os dilemas societários, éticos e estéticos, configurados pela crise societária em sua tradução contracultural; tributário de um projeto de sociedade socialmente emancipada e ambientalmente sustentável (CARVALHO, 2005, p. 54).

De acordo com a autora, o educador ambiental é um caso particular do sujeito ecológico, logo, compartilha dessa identidade maior. Essa definição coloca o educador ambiental como um sujeito idealizado. Podemos interpretar essa idealização como um parâmetro, que deve ser observado pelo sujeito que almeja tornar-se um educador ambiental, ou seja, o sujeito deve buscar, nos seus processos de formação como educador, alcançar essa condição de “sujeito ecológico”.

Carvalho (2002) discute que a formação de especialistas ambientais se dá principalmente em nível superior, considerando como especialistas profissionais vindos de diferentes áreas que fazem algum tipo de pós-graduação em meio ambiente e/ou educação ambiental. O ambiente acadêmico é propício ao debate de idéias, a compreensão teórico-metodológica, a produção de novos conhecimentos. Observamos, nos depoimentos dos educadores ambientais por nós entrevistados, uma estreita relação entre a formação universitária e o processo de tornar-se educador ambiental, porém não apenas na pós-graduação, mas também na graduação. Todos os depoentes são graduados, sendo a maioria na área de biológicas (engenharia florestal, biologia, agronomia, veterinária) e dois na área de humanas (psicologia e administração de empresas). Quase todos têm, ou estão cursando, mestrado e/ou doutorado, e a pós-graduação é direcionada para a área de educação, sendo que alguns casos são especificamente em educação ambiental (curso de especialização).

Não estamos afirmando que a formação do educador ambiental, se dá apenas, ou preferencialmente no ensino superior, mas que no estudo que realizamos, os depoimentos indicaram essa formação como a mais significativa na trajetória destes educadores.

A maioria dos educadores ambientais destaca como início de sua trajetória na educação ambiental a formação acadêmica na graduação e mais especificamente na pós-graduação. Sendo que o processo de entrada ocorreu de forma gradual como podemos exemplificar pela trajetória do **Prof. Alberto**⁵, que teve seus primeiros contatos com a idéia de educação ambiental durante a graduação, mas só começou a trabalhar efetivamente com o tema quando se tornou professor universitário, e segundo ele, muito mais por demanda de

⁵ Os nomes aqui apresentados são fictícios, na intenção de preservar a identidade dos depoentes.

seus alunos. Outro exemplo é o da **Profa. Ludmila**, que diz ter iniciado o processo de entrada para a educação ambiental desde sua escolha pela graduação em biologia, passando por seu trabalho como professora de ciências até assumir a educação ambiental como área de trabalho, após um curso de especialização.

Carina também passou por um processo que se iniciou pela escolha da graduação, mas até praticamente o fim dela, durante a licenciatura, procurou superar o “preconceito” que tinha com o termo “educação ambiental” e passou a dedicar-se a essa prática. Já **Sandra**, identifica sua entrada para a educação ambiental como um momento mais específico. Diz ter sido durante o estágio que fez num projeto de extensão durante sua formação na universidade, onde se apaixonou por trabalhar com crianças.

Entre os educadores entrevistados, que identificam seu ingresso na educação ambiental durante a formação em pós-graduação, temos os casos do **Prof. Ademir**, que se sentiu questionado, mas, por estar num ambiente propício para pensar a questão ambiental (pós-graduação ligada à área de meio ambiente), enfrentou as críticas. Também na pós-graduação começou **Miro**, envolvido em estudos ligados ao meio ambiente (formas alternativas de produção agrícola). A **Profa. Luciana**, que se preocupou com a fragilidade do ambiente em que trabalhou durante o mestrado (uma floresta em situação de risco), viu na educação ambiental a única forma de colaborar para a preservação desse ambiente.

Outra “porta de entrada” corresponde às oportunidades de trabalho, que muitas vezes concretiza aquilo que a vida acadêmica instigou, e/ou exige uma maior qualificação com relação a prática educativa ambiental em função da ação profissional. Esse é o caso, por exemplo, de **Oswaldo**, que por demanda de seu trabalho com conscientização de consumidores, fez um curso de especialização em educação ambiental. Situação semelhante à de **Mário**, que descobriu a possibilidade de uma agricultura sem tantos impactos ambientais e tenta defendê-la através da educação ambiental. **Mileni, Helena e Leandro** iniciaram suas atividades em educação ambiental em função do trabalho que desenvolviam como administradores públicos.

Em função de uma necessidade percebida pela vida pessoal e comunitária, destaca-se o trabalho voluntário, que é realizado, pelos educadores entrevistados nesse estudo, nas ONGs e que exige uma certa qualificação na área de educação ambiental. Esse é o caso de **Lia**, que formou um grupo para respondendo a uma demanda social que evoluiu para a criação de uma ONG para trabalhar, entre outras coisas, com educação ambiental. **Anita** também chega até a educação ambiental por esse caminho: ela identificou como origem de sua atuação a

indignação frente à degradação ambiental, que a instigou a fundar, com alguns companheiros, uma ONG ambientalista.

Observamos nesse estudo, assim como Carvalho (2002) observou ao estudar a “identidade ambiental” do educador, que os acessos em direção ao tema ambiental são múltiplos e passam por diferentes caminhos. Pode-se atuar profissionalmente, no campo ambiental, de diversas maneiras e a partir de varias especializações e fazer educação ambiental pode ser “uma opção entre outras ou simultaneamente a outros fazeres ambientais” (P. 136).

Uma parte dos educadores entrevistados relatou, como sendo importante no surgimento de sua preocupação com o ambiente natural, as experiências vividas na infância. Eles justificam isso mostrando o grande contato com o ambiente natural nesse período de suas vidas. Muitos moraram no campo, ou tiveram a oportunidade de visitá-lo em função de parentes que nele moravam. Suas brincadeiras eram no rio, na terra, ao ar livre, com os animais. Um dos depoentes fala também de seu pai, dizendo ser ele “*um enorme gostador da natureza*”, remetendo que esse “exemplo” foi determinante para torná-lo como é.

COMPREENDENDO AS AÇÕES E REALIZAÇÕES EM EDUCAÇÃO AMBIENTAL

De uma forma sucinta, Tozoni-Reis (2006) diz que a educação ambiental pode ser: **adaptadora** (abordagens fundamentadas nas tendências não críticas da educação, sendo hoje fundamento filosófico-político da educação – surgiu no inicio do processo de industrialização, estando a seu serviço, ou seja, formação ideológica para o trabalho industrial); ou **transformadora** (abordagens fundamentadas nas teorias críticas da educação, que vê como função da educação a instrumentalização dos sujeitos sociais para uma pratica social transformadora).

A autora estabelece três grandes grupos que sintetizam as práticas educativas (os dois primeiros adaptadores e o terceiro transformador): **disciplinatório/moralista**, que compreendem a educação ambiental como instrumento para gerar a mudança de comportamentos ambientalmente inadequados; **transmissora de conhecimento**, que acredita que apenas oferecer informações é suficiente para determinar uma relação mais adequada com o meio ambiente; e a **transformadora/emancipatória**, que vê a educação ambiental como um processo político, de apropriação crítica e reflexiva do conhecimento, assim como dos valores e comportamentos.

Pudemos observar nos depoimentos todas essas tendências de educação ambiental explicitando-se. Temos depoimento de educadores ambientais atuando através de órgãos

públicos, ONGs e universidades. Nestes depoimentos, percebemos que existe semelhança na forma de ações desses educadores em função do local onde atuam.

Entre os educadores que atuam pela Secretaria Municipal de Meio Ambiente, as práticas em educação ambiental mais comuns são: elaboração e distribuição de cartilhas sobre assuntos do meio ambiente; plantio de árvores em praças e/ou áreas verdes com a participação da comunidade escolar; organização de eventos e cursos com a temática ambiental; palestras nas escolas sobre assuntos solicitados; formação de agentes multiplicadores; organização participativa do Plano Diretor; implantação participativa de praças; orientações para plantio de árvores.

Nessa secretaria a maneira como os entrevistados encaram a educação ambiental, suas concepções de educação ambiental são, de uma forma geral, relacionada à tendência crítica, mas a prática relatada (talvez devido ao ritmo e ao ambiente de trabalho neste espaço institucional) demonstra que estas restringem-se a ações pontuais, de cunho informativo.

Já dentro da Secretaria Municipal da Educação vemos que existem projetos específicos de educação ambiental, incluindo um espaço dedicado exclusivamente para isso, a Escola do Meio Ambiente. A educação ambiental crítica tem, como um de seus princípios, promover ambientes educativos de mobilização dos processos de intervenção sobre a realidade e seus problemas socioambientais. A idéia é que dentro desses ambientes superem-se as armadilhas paradigmáticas e propicie-se um processo educativo, em que, educandos e educadores, formem-se e contribuam para a superação dos problemas socioambientais da sociedade, transformando-a (GUIMARÃES, 2004). Entendemos que a criação desse espaço educativo pela Secretaria da Educação, vai de encontro a essa proposta, pois garante ao trabalho educativo o caráter processual que ele exige.

Observamos que os educadores que atuam em educação ambiental através desta Secretaria trabalham com a educação ambiental mais de perto, colocando a prática educativa em primeiro plano. Suas atividades estão relacionadas: a projetos com comunidades periféricas/carentes; formação de educadores ambientais; atividades com a comunidade escolar de reconhecimento do ambiente, tanto da escola como o natural; avaliação dessas atividades; produção de material didático como suporte à professores da rede municipal de ensino; pesquisa em educação ambiental.

Notamos através das ações desses educadores, que eles possuem uma concepção mais relacionada com a tendência crítica da educação ambiental e a empregam em sua prática educativa. Podemos dizer que fazem parte do grupo que contribui para a construção da educação ambiental transformadora/emancipatória.

Os educadores que atuam através da universidade, o fazem, de uma forma geral, de três maneiras: através da pesquisa; da formação de educadores; e/ou através de atividades de extensão universitária. As pesquisas relacionam-se a produção de material didático, formação de educadores ambientais, teorização da educação ambiental através de orientação de iniciação científica e mestrado, e desenvolvimento de formas de inserção da educação ambiental no ambiente escolar (educação formal). As atividades de formação de educadores se dá pelo ensino nos cursos de graduação e pós-graduação e pela orientação de pesquisas em trabalhos de iniciação científica e mestrado ou doutorado. Nos programas de extensão estão as atividades que envolvem a sensibilização dos sujeitos para com o meio ambiente, a vivência e o reconhecimento do ambiente natural, e o despertar da cidadania. Isso faz-se através da criação de espaços dedicados a educação ambiental. Como já vimos essa criação de espaço contribui para o processo educativo, mas o cuidado que deve ser aqui tomado, é relacionado à visão de que apenas a sensibilização do indivíduo é suficiente para transformá-lo e assim promover a transformação social.

Notamos que esses educadores têm maior facilidade para realizar um trabalho mais complexo em educação ambiental, mas percebemos que existem vertentes diferentes de educação ambiental presentes nas atividades de pesquisa e de formação de educadores e nas de extensão, as primeiras mais relacionadas à tendência crítica, e a última à tendência tradicional.

Olhando agora para os educadores que atuam através de ONGs, percebemos que formam-se dois grupos, um mais voltado para práticas educativas tradicionais (disciplinatórias e informativas) e outro voltado à práticas educativas mais críticas. De uma forma geral, os educadores de ONGs agem para a conscientização dos sujeitos, julgando os padrões de consumo e os hábitos comportamentais como foco de suas ações. As ações envolvem, no grupo mais crítico, elaboração de projetos educativos para conscientização, levando em consideração a realidade social dos sujeitos/comunidades-alvos da prática educativa, formação de educadores ambientais e trabalhos na educação formal.

As ações do grupo baseado na tendência tradicional são mais disciplinadoras, como por exemplo, fiscalização, denúncias, distribuição de cartilhas. Normalmente tem o intuito de condicionar comportamentos ecologicamente corretos e suspender comportamentos inadequados, usando como instrumento para isso apenas a informação.

COMPREENDENDO AS DIFICULDADES E EXPECTATIVAS DOS EDUCADORES AMBIENTAIS

No trabalho com educação ambiental percebemos, e isso ficou evidente nos depoimentos coletados, que as dificuldades e a forma como elas são encaradas estão intrinsecamente relacionadas com a concepção de educação ambiental dos educadores, ou seja, as dificuldades são reflexos da concepção-ação em educação ambiental.

Identificamos uma grande variedade de dificuldades, que podem ser agrupadas em duas categorias, sendo que elas relacionam-se intimamente. A primeira categoria corresponde às dificuldades para as quais a superação está relacionada diretamente as iniciativas do sujeito e a segunda, corresponde as dificuldades em que a superação tem caráter mais coletivo, ou seja, depende dos sujeitos em relação e em ação. Dentre as dificuldades classificadas na primeira categoria estão: a falta de diálogo entre os sujeitos e destes com um coletivo maior para promover trabalhos conjuntos; pouco embasamento teórico-metodológico, para garantir uma prática consciente e conseqüente; superação dos próprios preconceitos; ausência de compromisso com a prática educativa, decorrente de concepções “inadequadas” de educação ambiental; e “egocentrismo” de indivíduos em função de um cargo.

Acreditamos que essas dificuldades podem ser encaradas como pontos norteadores para um processo de reflexão de postura e ação dos educadores ambientais, no sentido de pensar e agir para superá-las.

As dificuldades classificadas na segunda categoria são: a cobrança por resultados quantitativos decorrentes, em última instância, dos paradigmas da sociedade moderna; a burocracia, que torna lento os processos administrativos; pouca disponibilidade de recursos financeiros e de incentivo; pouco reconhecimento, tanto financeiro como de valorização do trabalho; poucas pessoas envolvidas nos esforços de trabalho em educação ambiental; resistência das pessoas frente a mudanças (de paradigmas, de concepções, de valores, de atitude); lentidão do processo educativo (por ser encarado em seu fim, e não em seu processo); desorganização do sistema educacional escolar; grande abrangência do campo de atuação em educação ambiental, gerando dúvidas na decisão de onde e como atuar; ausência de regulamentação profissional para o educador ambiental; questões de cunho político; e os paradigmas da sociedade capitalista.

Podemos notar que superar essas dificuldades exige um envolvimento conjunto, que alcance força suficiente para a transformação da sociedade, processo esse não individual, um exercício de cidadania, que se dá pela participação em movimentos coletivos, geradores de sinergia, e assim capazes de promover a transformação (GUIMARÃES, 2004).

A intenção é que esta apresentação/socialização de dificuldades opere como estímulo para a busca de superação, que essas dificuldades mostrem os caminhos para assumirmos nossa responsabilidade pelo mundo, juntamente com o Outro, participando assim, efetivamente, do movimento de superação das dificuldades que num primeiro momento, apresentam-se como obstáculos muito altos, e que em alguns momentos, pode fazer desistir.

Porém, sobre desistir, é importante observar que todos os educadores entrevistados sentiram-se, em algum momento, frustrados, decepcionados com suas práticas educativas, com a realidade e/ou mesmo com o que se apropriam de educação ambiental através da literatura, principalmente em decorrência das dificuldades enfrentadas ao longo de suas trajetórias. No entanto, a grande maioria não deixou de acreditar nas possibilidades da educação ambiental para a construção de uma nova sociedade justa e ecologicamente sustentável. Utóptica? Sim, mas qual utopia?

A utopia, inserida nos paradigmas da sociedade atual recebeu, ideologicamente, um sentido pejorativo. É entendida como ilusão, devaneio, quimera, como algo/lugar inatingível. Porém cabe aqui uma discussão de Leonardo Boff (1999), que constata que o ser humano e a sociedade não podem viver sem utopia, mas não uma utopia com sentido de fantasia ou fuga irresponsável da realidade. Ela deve ser entendida e realizada num processo histórico, dando corpo ao sonho para “construir passo a passo os mil passos que o caminho exige” (p. 82). E para que acreditemos na utopia como viável, temos que compreender que “a história exige tempo, paciência, espera, superação de obstáculos e trabalho de construção” (p. 82).

Acreditar na utopia é acreditar na possibilidade histórica de “vir a ser” da sociedade, na transformação social (TOZONI-REIS, 2004). Continuar rumo à utopia é o fim maior da educação ambiental, e o educador ambiental tido como sonhador, deve sentir-se realmente livre para sonhar e sonhar para fazer.

“Julgo, pois, que precisamos da utopia como do pão para a boca” (SANTOS, 1997, p.43).

CONCLUSÃO

O objetivo deste estudo foi compreender quem é, por que é, como se torna, o que faz, quais as dificuldades, as expectativas, ou seja, qual é a trajetória do sujeito educador ambiental. Depois de meses entrevistando esses sujeitos e mais meses debruçadas sobre seus depoimentos, pudemos compreender um pouco sobre seu universo e sobre a educação ambiental.

Sobre os educadores ambientais “cada um é cada um” e todos são “matéria-prima das páginas do mundo”, mundo esse em que a Educação Ambiental está presente como instrumento para a prática social.

O educador ambiental possui concepções construídas em sua trajetória de vida, desde a infância, onde faz a primeira leitura do mundo, até o trabalho propriamente dito com educação ambiental. É um ser que age em alguns momentos norteado por princípios teórico-metodológicos, em outros de acordo com suas vontades e convicções, em outros momentos, ainda, cerceados enquanto seres críticos, não conseguem agir de acordo com suas concepções. Isso nos leva a pensar que o educador ambiental é um sujeito em formação, como são todas as pessoas e situações, como é a realidade, inesgotável. Suas trajetórias se cruzam, existem muitas semelhanças entre elas, mas o educador ambiental é um ser singular, de certa forma indefinível, a não ser em caráter provisório, é um “projeto infinito”.

Vimos, através dos depoimentos, que o momento e os caminhos de entrada para a educação ambiental são múltiplos, assim como o seu que-fazer, que as concepções de educação ambiental também são múltiplas e que em algum momento de suas trajetórias, esses educadores escolheram um lugar na educação ambiental para “habitar”, ou ainda, para arriscar, tolhidos pelos paradigmas da sociedade moderna.

Mesmo diante de inúmeras dificuldades – reflexos de suas concepções-ações – estes educadores acreditam na educação ambiental para continuar rumo à utopia, ao inédito viável da sustentabilidade.

REFERÊNCIAS

BOFF, L. **Saber cuidar: ética do humano – compaixão pela terra**. Petropolis: Vozes, 1999.

CARVALHO, I. C. M. **A invenção ecológica: narrativas e trajetórias da educação ambiental no Brasil**. 2. ed. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2002.

CARVALHO, I. C. M. A invenção do sujeito ecológico: identidade e subjetividade na formação dos educadores ambientais. In: SATO, M.; CARVALHO, I. C. M. (org.). **Educação ambiental: pesquisa e desafios**. Porto Alegre: Artmed, 2005. p. 51- 63.

GUIMARÃES, M. **A formação de educadores ambientais**. Campinas: Papyrus, 2004.

REIGOTA, M.; RIBEIRO, R. P.; RIBEIRO, A. (orgs.) **Trajetórias e narrativas através da educação ambiental**. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

SAUVÉ, L. Uma cartografia das correntes em educação ambiental. In: SATO, M.; CARVALHO, I. C. M. (org.) **Educação ambiental: pesquisa e desafios**. Porto Alegre: Artmed, 2005. p. 17- 44.

TOZONI-REIS, M.F.C. **Educação Ambiental: natureza, razão e história**. Campinas: Autores Associados, 2004.

TOZONI-REIS, M.F.C. (Re)pensando a educação ambiental. In: V Congresso Ibero-Americano de Educação Ambiental, 2006, Joinville-SC. [www.5iberoea.org.br]